

NA PORTA DO MUNDO

Conceição Freitas
Da equipe do **Correio**

Num dia em que tudo era novo, da cueca ao tênis, do uniforme à mochila,

Bruno Marques de Souza inaugurou a vida escolar no Jardim de Infância 302 Norte, ao lado de 25 coleguinhas e diante da professora Selma Barros Marques. Ele chegou às 13h55 pelas mãos do pai, o vendedor de óculos Édson Ramos de Souza, e da mãe, Celestina Marques. A glória completou-se com os óculos escuros que Bruno, 3 anos, acoplou ao rosto. Até romper a porta da sala de aula, o garoto parecia caminhar para o maior parque de diversões que jamais tinha visto, tamanha a ansiedade.

Na noite de sexta para sábado, ele dormiu de uniforme — um jogo de bermuda vermelha e camiseta cinza. Todo o ritual havia começado antes, quando foi escolher a mochila cuja frente tem um “B” de Bruno. O tênis preto também foi comprado especialmente para a escola. Faltou só o ônibus escolar parar todas as tardes na porta de sua casa, no Setor Militar Urbano. Ele bem que tentou convencer os pais a contratarem o serviço, mas a mãe preferiu se responsabilizar por essa tarefa.

Quando pôs os dois pés na sala de aula, Bruno deve ter sentido o medo do desconhecido. Mesmo sabendo que a professora era uma tia de verdade — irmã da mãe dele —, o menino recuou. “Vem cá, mãe,” disse, segurando a mão de Celestina. Só assim ele se dispôs a sentar-se na cadeirinha. “Mãe, quero montar”, decidiu de imediato, apontando para as dezenas peças coloridas de um quebra-cabeça. Bruno começou a vida pública assim: a mãe de um lado, os brinquedos à frente.

A mãe cercou-se de cuidados antes de mandar o filho para a escola. Escolheu um colégio onde a irmã é professora. “Aqui perto de casa tinha uma escola, mas eu preferi a 302 Norte”, conta. Pela vontade do pai, Édson, o garoto estaria estudando muito antes.

Estudando nesse caso é eufemismo para falar de uma atividade que começou com as crianças sentadas no chão, formando um círculo e cantando “Meu lanchinho, meu lanchinho. Vou comer, vou comer/Pra ficar fortinho, pra ficar fortinho/ e crescer, e crescer”, com a melodia de *Frère Jacques*, cantiga de ninar francesa que todo brasileiro aprende na escola de língua.

Os pais de Bruno deixaram-no na escola sem dramas nem para os primeiros nem para o segundo. Tão logo Édson e Celestina se despediram do filho, ele começou a juntar as peças do quebra-cabeça. Ao lado dele, Gabriel Mello, 4 anos, dormia. A professora tentou acomodá-lo na caminha da sala de aula — quando se está no jardim de infâncias ainda há camas por perto — mas ele chiou. Queria dormir sentado. Bruno estava atento. Pelo ar cir-

Luis Tajés



Bruno Marques foi à escola pela primeira vez e não dispensou os óculos escuros. No jardim de infância ele ganhou 25 novos amiguinhos

cunspecto, o menino parecia ter noção de que havia aberto, definitivamente, a porta do mundo. A coleguinha Yasmim, 3 anos, tinha jeito de quem renegava o novo mundo. Chorou durante todo o tempo em que esteve na escola. A professora Selma até tentou acalmá-la, a diretora Maria Bethânia Lins foi passear com ela, apresentou-lhe a casinha de boneca, o parquinho. Como nada foi capaz de parar o choro de Yasmim, a diretora mandou chamar a mãe.

“No primeiro mês de aula eu tenho vontade de voltar para as férias”, diz a diretora da escola que este ano tem 293 alunos entre 3 e 6 anos. “Sempre tem um ou outro que chora, mas esse ano até que está mais calmo”. Nas duas salas do primeiro período do jardim (jardim de infância, hoje em dia, compreende três anos letivos), só duas crianças choravam.

A vendedora de roupas de couro Valéria Nogueira de Oliveira ficou na escola a primeira meia hora, temen-

do que a filha Yasmin chorasse. “Ela é muito dada, mas nunca se sabe”, comentou. Valéria levou máquina fotográfica para registrar o primeiro dia de aula da filha. “Estou emocionada”, disse.

A emoção da mãe de Yasmin era fruto da noção de cidadania: “Nasci em Brasília, na Vila Planalto, estudei em escola pública e agora estou trazendo minha filha.” Valéria foi embora sem imaginar que minutos depois a filha Yasmin desaguaria num choro sem fim.

Outra mãe, a doméstica Francileide Maria de Freitas, preferiu sentar-se no banco do lado de fora da escola e esperar as duas horas do primeiro dia de aula. Os pequenos calouros têm uma semana de adaptação, por isso o tempo regulamentar de aula cai à metade.

O filho de Francileide, Adailson, 4 anos, não deu trabalho. “Estou feliz porque ele não chorou”, diz a orgulhosa mãe. “Fiquei com medo de ele

dar birra”. Adailson chegou atrasado e sentou-se na roda com o rosto marcado pelo batom da mãe. Nenhum choro, nenhum beicinho, nenhuma reclamação — como se fosse mais um dia de aula.

Para a professora Selma, começava um período extenuante. As crianças que ainda nem se conheciam não demoraram para dizer a que vieram. “Tia, você viu a minha lancheira?”. “Tia, eu quero massinha”. “Tia, conta uma história”. E até uma inesperada pergunta: “Tia, quem é a pessoa mais linda dessa sala?”. Tia Selma não soube o que responder.

Bruno continuava quieto, com um livro de história na mão. Ao lado dele, Felipe, Caio e Mateus levantaram-se — sem a permissão da professora, é bom que se diga — para brincar com panelinhas e um fogão de brinquedo quase do tamanho deles. Pouco depois, três outros garotos escapuliram pela porta aberta e correram em direção ao parquinho. Tia Selma correu

atrás e conseguiu catar os moleques, um a um, sem muita dificuldade.

O lanche do dia foi Nescau com bolacha Maizena, servido sobre um guardanapo de papel que cada uma das crianças teve de abrir e colocar diante de si, nas quatro mesinhas da sala. O primeiro período do jardim de infância é destinado a ensinar formação de hábitos, relacionamento com os colegas, cores, formas geométricas e texturas. Aprendem também a escrever o prenome e a reconhecer o som das letras.

Bruno estará tranquilo. Ele sabe que a calça dele é vermelha, que B é de Bruno e que a última letra da palavra Norte (gravada na camiseta do uniforme) é de Édson, o nome do pai. Édson Souza saiu satisfeito da escola. Ele mesmo, quando começou a estudar, aos 7 anos, foi menos desenvolto. “Eu não queria largar a mão da minha mãe de jeito nenhum, mas depois vi que não era um bicho de sete cabeças.” Bruno também tirou de letra o sempre inesquecível primeiro dia de aula.